

Dossiê: Renascimento

organizadores:

Cristiane Maria Rebello Nascimento

Patrícia Fontoura Aranovich

Sérgio Xavier Gomes de Araújo

O terceiro número da revista *Limiar* compõe um retrato coeso, mas também plurifacetado das práticas artísticas e intelectuais do Renascimento. Propondo uma interpretação complexiva de obras paradigmáticas do renascimento, os artigos que integram o presente número exploram as ligações capilares entre disciplinas tão diversas quanto a filosofia, a literatura, a retórica, a arte e as ciências naturais.

O artigo de Maria Teresa Ricci, que abre o dossiê, analisa a arte da *sprezzatura* do *Cortesão*, de Baldassare Castiglione. Partindo da análise da etimologia da palavra “graça”, a autora analisa a teoria de Castiglione, condensada na frase “quem tem graça, é grato”, que indica tanto um sentido ativo, quanto um sentido passivo da palavra “graça”. Para receber a graça de seu príncipe, o nobre cortesão deve ser gracioso. A “graça”, portanto, torna-se um ornamento e uma estratégia. A “graça” nasce de uma “regra universal”: evitar afetação e demonstrar certa indiferença – *sprezzatura*. *Sprezzatura*, que implica *disprezzo*, desdém, é dissimulação da arte e simulação de natureza. É o produto de uma longa “fadiga” que deve ficar completamente escondida. A “graça” pode ser, deste modo, resumida no oxímoro: arte sem arte.

Andrea Buchidid Loewen analisa como os decretos finais do Concílio de Trento, que se encerra em 1563, promovem uma radicalização da noção de decoro na arte de temática sacra, tendo

em vista banir a nudez indecorosa e devolver decência às imagens. A autora, no entanto, não restringe sua análise à consonância dessas novas determinações e à prescrição de um severo decoro das imagens, mas a estende à arquitetura religiosa e aos tratados de arquitetura do período, que assimilam as prescritivas de Vitruvius e de Alberti aos novos princípios contra-reformistas.

O artigo de Maria Cristina Theobaldo analisa nos *Ensaio*s, de Montaigne, a utilidade do saber que reside no exercício ético reflexivo e a crítica à inoperância da filosofia da *eschole*. A “verdadeira filosofia”, acessível segundo a maneira montaigniana, assume o posto de mais prioritária e útil por disponibilizar subsídios para a moralidade. Abdicando de prescrições normativas, a investigação filosófica relativa à ética engendra uma sabedoria voltada para o bem viver. É este ganho reflexivo e prático que, de acordo com a autora, instaura a “verdadeira filosofia” como formadora da conduta e do julgamento.

Partindo da concepção petrarquista de *imitatio* expressa em diversas epístolas e em escritos em língua latina de Petrarca, o artigo de Bianca Fanelli Morganti aborda a apropriação de Cícero como modelo para a prosa de Petrarca e para a construção do seu *ethos* de orador cristão e douto letrado. Em uma das suas mais ilustres cartas *Familiares* (24.4), destinada ao orador romano Marco Túlio Cícero, Petrarca estabelece Virgílio como guia principal para a sua jornada poética, enquanto o próprio destinatário, *Romani eloquii summus parens*, é corroborado como o modelo primeiro da sua produção em prosa.

O artigo de Eduardo Henrique Peiruque Kickhöfel trata da classificação da filosofia publicada por Gregor Reisch, no livro *Margarita philosophica* (1503). Introduzida por duas imagens alegóricas, a *Philosophiae partitio* de Reisch sintetiza diversas classificações de saberes anteriores, tendo por base a divisão entre

saberes práticos e teóricos de origem grega. Para entendê-la, o autor analisa as divisões das ciências em Aristóteles, o filósofo antigo mais importante no Renascimento, e também classificações medievais e propõe utilizar a *Philosophiae partitio* para elaborar um método para se aproximar da filosofia do Renascimento.

O artigo de Mário Henrique d’Agostino atenta para o modo como a prescrição das igrejas de planta central, no tratado *De re aedificatoria*, tem suscitado indagações várias sobre a religiosidade de Leon Battista Alberti. Em simultâneo ao otimismo do tratadista com as “invenções” e “progressos” humanos, um elenco de escritos descerram juízos pessimistas sobre as instituições sociais e a vida em comum. Perquirir as diferentes modalidades compreendidas pela epistemologia de Alberti permite, de acordo com o autor, melhor perfilar as visões de natureza, de ordem cívica e do sagrado próprias do humanista.

O artigo de Sérgio Xavier examina o ensaio que Montaigne dedica ao tema da ‘diversion’ no terceiro volume dos *Essais* desenvolvendo a semelhança que há entre a descrição que faz do tema e a definição do dispositivo retórico da *insinuatio* em Quintiliano e no manual *Retórica a Herênio*. O artigo procura problematizar com isso uma corrente importante do comentário que tende a associar a ‘diversion’ à afirmação da subjetividade do autor emancipada dos procedimentos discursivos generalizados na tradição letrada de seu tempo para reinserir o discurso de Montaigne - nas temáticas e questões que mobiliza - mais propriamente na ambiência cultural e filosófica do humanismo renascentista fundada na reelaboração das grandes tradições da ética e da retórica clássicas.

Por fim, o artigo de Cristiane Maria Rebello Nascimento trata dos elogios a Michelangelo compostos pelos autores do século XVI. Estes elogios descrevem o artista como o Apeles moderno,

dotado de um engenho *divino*, de um juízo douto na arte, de um temperamento *terribile* que produziu obras igualmente *terribile* e *mirabile*, tendo por isso se igualado em excelência aos artistas antigos e superado todos os modernos. Examinando os argumentos do gênero do encômio, seu artigo pretende demonstrar como no encarecimento destas qualidades artísticas excepcionais no artista é tecida também a amplificação da importância do desenho na prescrição e na prática artística, ao longo do século XVI.